



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1455

## **O SONHO DE INSTRUIR OS FILHOS NA NOVA PÁTRIA** **História da educação nos primórdios de uma Colônia Polonesa no** **Paraná**

Selma Antonia Pszdzimirski Viechnieski  
Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG  
[selma\\_anjodaguarda@yahoo.com.br](mailto:selma_anjodaguarda@yahoo.com.br)

**Resumo:** O presente artigo trata das questões educacionais nos primórdios da colonização da Colônia Amola Faca, hoje Virmond, uma colônia polonesa que enfrentou enormes desafios para garantir a instrução dos filhos no início do século XX. Como outras colônias polonesas, não pôde contar com apoio governamental naquele momento e foi obrigada a encontrar solução para resolver seus problemas, organizando as sociedades-escolas, que, aos poucos, vão construindo um sistema educacional próprio, para poder realizar o sonho dos imigrantes em instruir seus filhos e ao mesmo tempo manter viva a memória de sua terra natal, fortalecendo uma identidade cultural. Inicialmente com aulas somente em polonês, aos poucos vão tendo que se integrar a nação brasileira, ensinando também a língua portuguesa, até a nacionalização do governo de Vargas, com a completa proibição do ensino da língua estrangeira. O estudo realizado constitui-se como parte do projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido no Programa de Mestrado da UEPG. Toda discussão está pautada especialmente no estudo de publicações de jornais do período, traduzidas para este fim, e em fontes orais, com entrevistas de imigrantes e descendentes, além de literatura especializada.

**Palavras chaves:** Imigrantes; Poloneses; Sociedade-escola; Educação;

A organização do sistema escolar nas colônias de imigração polonesa, com estudo de caso na Colônia Amola Faca, Virmond, é o tema discutido neste trabalho. A imigração polonesa se dá especialmente nos fins do Século XIX e início do século XX, quando vindos em busca de melhores condições de vida os colonos se deparam com diversos problemas na nova pátria, entre eles a educação de seus filhos, pois o Brasil ainda não tinha uma rede de ensino capaz de atender a tantas crianças, especialmente no interior. Com objetivo de buscar instruir seus filhos, os colonos poloneses se organizam e constituem as sociedades-escolas, entidades com a finalidade de construir escolas e igrejas, proporcionar lazer e atuar como cooperativa agrícola, buscando melhores preços para compra e venda de seus produtos, bem como sementes e maquinários. Já no momento da constituição da Colônia Amola

Faca, Virmond, a preocupação com a educação levou os pais a contratar um professor particular que dava aula de polonês em casa. Logo surgiram as sociedades somando esforços para a construção das escolas, com ensino em polonês, passando posteriormente ao ensino bilíngue, até a época da proibição da língua polonesa pela legislação nacionalista do Governo de Vargas.

Os poloneses vão se constituir numa imensa população em terras brasileiras, especialmente no sul do país. No Paraná, os imigrantes de origem polonesa representaram um número bastante expressivo. Começam a se fixar, a partir da década de 1870, inicialmente na região curitibana, adentrando depois ao interior.<sup>1</sup> Por volta de 1890, os imigrantes poloneses representam 4% da população paranaense, crescendo para 20% em 1910.<sup>2</sup>

Estabelecidos em suas terras, com a vida religiosa encaminhada, era o momento de pensar na educação escolar dos filhos. No decorrer do processo imigratório, a escola era vista pelos estrangeiros como uma possibilidade de manter nas gerações futuras a noção da nacionalidade de origem, dos costumes, a língua e a religião, isto é, manter sua identidade.<sup>3</sup>

A ausência de uma política educacional que possibilitasse a escolarização fez com que os próprios colonos fossem se organizando no que diz respeito à instrução de seus filhos. O governo brasileiro não tinha organizado ainda uma rede educacional que atendesse o interior do Brasil, embora estivesse prevista na Constituição Brasileira. Era bem real a impossibilidade de se disponibilizarem professores às colônias, não somente pelo fato da necessidade de eles serem bilíngues, uma vez que as crianças polonesas desconheciam o português, mas também porque o governo contava com quase absoluta falta de professores para as próprias crianças brasileiras.<sup>4</sup>

Os colonos resolveram o problema do ensino contratando professores para seus filhos e arcando com os honorários e depois fundando escolas particulares, que normalmente surgiam ao lado de sociedades recreativas e culturais.

---

<sup>1</sup> VIECHNIESKI, Selma Antonia Pszdzimirski. **VIRMOND – UMA COLÔNIA POLONESA**. UEPG. Ponta Grossa. PR. 2013.p 42.

<sup>2</sup> CAPRI, Elizabeth Johansen. **De Católicos Poloneses a Ponta-Grossenses Católicos: A Escola Sagrada Família – 1933-1945**. Curitiba. 2003. p. 105.

<sup>3</sup> IBIDEM. p. 48.

<sup>4</sup> WACHOWICZ, Ruy Christovam. **As Escolas da Colonização Polonesa no Brasil**. Anais da Comunidade Brasileiro Polonesa. Superintendencia do Centenário da imigração Polonesa ao Paraná. Curitiba. V II. 1970. p. 20.

No início da colonização, as aulas aconteciam nas casas, e o professor contratado pelos pais recebia o pagamento pelo seu trabalho conforme as possibilidades de cada família. O primeiro professor a lecionar desta forma na Colônia Amola Faca, Virmond, foi o Sr. Henrique Radecki, que, de acordo com sua neta, Sra. Alice, filha de Ladislau Radecki - responsável pela formação da Colônia Amola Faca, Virmond -, seu avô falava com fluência somente o idioma de sua terra natal, tendo aprendido o português mas sentindo dificuldade na língua:

Ensinava só em polonês, falava muito mal o português. O vô lecionava particular pros imigrantes na casa dele. Recebia dos pais e não era nem em dinheiro, era em mercadoria, galinha, ovos, leite, feijão, trigo, era tudo na base da troca. Naquela época quem vinha comprar terra, comprava tudo em terra, não ficava com um tostão.<sup>5</sup>

As escolas surgiam da necessidade do colono alfabetizar seus filhos, o que se constituía em uma importante aliada do processo de assimilação e trocas culturais entre imigrantes e brasileiros. Além desse aspecto, o europeu trouxe consigo uma nova mentalidade a respeito da instituição escolar, organizada de forma independente do poder público, pelos próprios imigrantes, tal como eram acostumados em sua terra natal.<sup>6</sup> Ainda na distribuição dos lotes e medições de terra, para dar início à organização da colônia, já era deixado separado o terreno para sociedade, escola e igreja, conforme Dona Julia: “eles já se preocuparam, a primeira coisa que fizeram quando surgiu a Colônia, eles já deixaram terra pra igreja, construíram o clube. Que o início da escola foi no clube”.

Um dos questionamentos feitos por colonos, muitos já morando no Brasil, ao procurar terras para se estabelecerem, era a existência de instituições como a igreja e a escola, ou a sua possibilidade em curto período, de maneira que pudessem instruir seus filhos e manter sua nacionalidade, como podemos verificar na publicação de 1922, do Jornal Lud:

(...) Alegra-nos porque o Senhor perguntou se a colônia é povoada apenas por poloneses. Ecoa dessa pergunta o desejo de estar junto com outros poloneses, porque então se tornam mais fáceis a igreja e a escola, com a preservação da própria nacionalidade. (...)

A partir do Ano-Novo devia ter sido ali inaugurada uma escola, mas até agora não sabemos se ela já existe. Se até agora a escola não foi aberta, com certeza em breve será aberta, e certamente também haverá

---

<sup>5</sup> LIMA, Alice Radecki. Entrevista concedida em 09/01/2015.

<sup>6</sup> CAPRI, op. cit. p. 48.

alguém para ensinar às crianças a religião e as orações polonesas. As pessoas já estão pensando ali também numa capela. (...)<sup>7</sup>

A preocupação era comum nas colônias, percebiam a necessidade de instruir os filhos, dando-lhes maiores possibilidades na vida. As sociedades foram a forma que os colonos encontraram de se organizar. De acordo com Wachowicz, a ausência de auxílio governamental na educação levou os colonos a procurarem uma solução para o problema, nascendo assim a Escola-sociedade. A Colônia fundaria uma Sociedade Recreativa, uma casa coletiva onde poderiam reunir-se ao menos nos domingos para se comunicarem, desabafarem e fazerem troca de experiências, após a semana de isolamento e trabalho penoso. A sociedade teria a finalidade de comemorar datas importantes, organizar bailes, recepcionar alguma autoridade que visitassem a colônia e proporcionar à juventude um local de diversão. Ao mesmo tempo, as programações realizadas pela sociedade arrecadariam fundos para o pagamento de alguma pessoa que pudesse lecionar para as crianças da colônia. A sociedade era composta pelos chefes de família da comunidade e era a entidade mantenedora do professor e da escola, e sua sede era a mesma utilizada pela escola. Esta instituição mista, escolar-recreativa, é a primeira manifestação coletiva de aculturação do imigrante polonês no Brasil. Apesar de contar com dificuldades inicialmente, o número de Escola-sociedade foi se multiplicando, surgindo até mesmo nas mais afastadas e isoladas colônias.<sup>8</sup>

Na medida em que a Colônia Amola Faca, Virmond, ia se organizando, as plantações com o sustento da família e as moradias proporcionando maior conforto já estavam garantidas, a preocupação com a instrução dos filhos ia crescendo, e os colonos em conjunto buscavam formas de se organizar e assim, como em outras colônias, fundaram as sociedades, conforme podemos verificar:

Virmond, Colônia Cel. Queiroz (Amola Faca), 18-10-1923.

Por iniciativa do Sr. Casimiro Gluchowski, surgiu na colônia uma sociedade agrícola-cultural, na qual no dia da fundação inscreveram-se alguns sócios. Os objetivos da sociedade são: manutenção de uma escola e de uma biblioteca, organização de conferências e palestras, concentração dos poloneses, para que dessa forma facilitem a si mesmos e a seus filhos o acesso à cultura, bem como um sistema de ajuda mútua na compra de máquinas, venda vantajosa dos produtos agrícolas, aquisição e manutenção de reprodutores, etc. (...)<sup>9</sup>

<sup>7</sup> Jornal LUD, Curitiba, dia 19 de jan. de 1922. n° 3 – p. 3-4.

<sup>8</sup> WACHOWICZ. op. cit. p. 21-27.

<sup>9</sup> Jornal LUD, Curitiba, dia 4 de janeiro de 1924 . n° 2 – p. 3.

GLUCHOWSKI traz uma tabela com a relação das escolas polonesas isoladas e a sua situação em 1924, aparecendo nesta relação, como nº 10, a Escola Polonesa, localizada em Guarapuava, Amola Faca, fundada em 1923, com patrimônio pertencente à sociedade. Entre parêntese está a indicação “Escola Inativa”.<sup>10</sup> Pelo que podemos observar em GLUCHOWSKI, a escola já existia, mas ainda não estava em funcionamento, como nos confirma a correspondência de março de 1924 publicada no Jornal Lud, o qual também trata do assunto relativo à construção da igreja, outra preocupação dos colonos:

A questão da escola vai progredindo aqui de forma razoável, e parece que a partir de maio ela vai começar a funcionar. Para a igreja estamos sempre recolhendo donativos e se Deus quiser no final deste ano vamos começar a preparar a madeira e então iniciaremos a sua construção, sem a qual já nos sentimos aqui como estranhos e selvagens.<sup>11</sup>

As sociedades dos colonos poloneses desempenharam um importante papel, substituindo as obrigações do Estado que não conseguia dar conta de levar a educação a todas as crianças, brasileiras e imigrantes, que formavam a nação brasileira. Na Colônia Amola Faca, Virmond, essa forma de organização vai ganhando espaço e surgem novas sociedades:

Informamos que no dia 29 de junho de 1925 estabeleceu-se uma segunda sociedade na nossa colônia com o nome de “Semeador Polonês”. Escolhemos esse nome como correspondente ao nosso estado, não apenas porque somos agricultores e lançamos a semente à terra, mas também porque é tarefa nossa semear o ensino entre as nossas crianças, isto é, manter uma escola própria e elevar o espírito polonês. (...)

Numa outra assembleia geral, no dia 31 de janeiro do ano corrente, foi aprovada por maioria de votos a ampliação do prédio escolar (...).

Também nesse mesmo dia foi aprovado por unanimidade o empenho de todas as formas por uma biblioteca (...). Devemos ainda acrescentar que já pelo segundo ano consecutivo temos uma professora brasileira, enviada pelo governo, mas ela não nos serve de consolo, porque as nossas crianças compreendem pouco a língua portuguesa, e algumas não a compreendem nada, de modo que o ensino anda muito devagar.<sup>12</sup>

Na correspondência acima, constatamos a importância que os colonos davam para a formação da biblioteca, considerando os livros como fonte de saber,

---

<sup>10</sup> GLUCHOWSKI, Kazimierz. **Os poloneses no Brasil: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil..** Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005. p. 215.

<sup>11</sup> Jornal LUD, Curitiba, dia 27 de maio de 1924, nº 42 – p. 2-3.

<sup>12</sup> Jornal LUD, Curitiba, dia 28 de abril de 1926, nº 29 – p. 2 .

necessários à formação cultural dos filhos e de toda comunidade; percebemos ainda o problema em relação à contratação de professores, uma vez que os colonos mostram-se descontentes com a profissional enviada pelo governo brasileiro, além da difícil tarefa de encontrar um professor polonês, especialmente nos casos de colônias isoladas, como é o caso da Colônia Amola Faca, Virmond.

De acordo com correspondência, na sede da Colônia conta com um professor, que traz uma série de informações a respeito da escola e do trabalho desenvolvido, dos conteúdos e práticas que faziam parte do currículo, o que acreditavam ser necessário para a formação dos alunos, bem como o envolvimento das famílias no dia a dia da escola.

Vila Virmond, cor. Guarapuava, 1 de novembro de 1926.

Por recomendação do Reverendíssimo Padre Redator Piasecki, assumi no dia 15 de julho do ano corrente o posto de professor na colônia Virmond. (...)

Os moradores assumiram a escola iniciada pelo colonizador, composta de uma ampla sala e de cinco banheiros. Atualmente estão concluindo a sua construção, sem poupar o seu tempo ou o dinheiro ganho a duras penas. (...)

Atualmente frequentam a escola 31 crianças. Cada uma delas se distingue pelo amor ao estudo e há entre elas indivíduos de aptidões notáveis: pictóricas, arquitetônicas, matemáticas, etc. Algumas, já depois de cinco semanas de estudo, são capazes de escrever relativamente bem, outras depois de três meses dominam as quatro operações aritméticas.

Mas, para acender na criança a centelha do espírito imortal, não deixo de trabalhar com elas. Após as aulas, são oferecidas a elas brincadeiras adequadas à idade. Durante os recreios ou nos feriados elas brincam com pipas de diversos tipos, até aeroplanos em miniatura, confeccionam e soltam balões. Elas são envolvidas na coleção de insetos ou na caça de borboletas. Durante as férias participam de excursões. Do trabalho delas já surgiu um pequeno gabinete zoológico, com uma coleção de insetos, borboletas, batráquios em álcool e pedras as mais diversas.

Com a concordância geral, surgiu uma horta escolar, na qual cada criança deve preparar e semear o seu canteiro e dele cuidar.

Já existe também um galinheiro com galinhas de raça, que já produziram um bom número de pintos. Os colonos também prometeram fornecer à escola algumas colmeias. (...)

Para despertar a competição entre as crianças, por ocasião das festas do Natal serão distribuídos entre elas prêmios pelo canteiro mais bonito.

Com elevada consideração,  
Adolfo Grolle, professor em Virmond<sup>13</sup>

Com o passar dos primeiros anos, as aulas passaram a ser bilíngues, ensinado-se tanto o idioma polonês como o português. O primeiro professor de

---

<sup>13</sup> Jornal LUD, Curitiba, dia 24 de nov de 1926, nº 84, p. 2.

Português foi Henrique Krygier, vindo da Polônia, estabelecendo-se na Colônia Amola Faca, Virmond, após curta passagem por Curitiba.

Daí o avô não dava mais aula, porque ele foi proibido. O pai (Henrique Krygier) é quem dava aula, porque o pai conseguiu se naturalizar, então ele tinha o direito de ser o professor. Dava aula em polonês e em português. Quem queria aprender o polonês ele dava as aulas em polonês ou português, até era mais fácil porque ele aprendia em polonês... eu quando fui pra aula eu falava mais polonês.<sup>14</sup>

Nem todas as escolas podiam contar com professores formados, por isso às vezes o professor era escolhido na própria comunidade, organizando seu tempo entre as aulas e os trabalhos na roça.<sup>15</sup>

O professor, assim como o padre, fazia parte de uma elite cultural, exercendo papel de liderança e influenciando o dia a dia das colônias, sendo-lhe atribuído grande valor e muito respeito. A escolha do professor não era apenas pelas condições intelectuais que apresentava, mas principalmente por ser capaz de dar orientação religiosa às crianças.<sup>16</sup> Mesmo sendo-lhe conferida esta importância, sua condição financeira era penosa, seu salário oscilava muitas vezes de acordo com o número de alunos, sem contar as famílias, embora sendo uma minoria, que não se importavam com a escolarização dos filhos, a não ser até que aprendessem a ler o básico e fazer contas.

Conforme as correspondências publicadas nos jornais, em diferentes datas, ao todo foram três sociedades organizadas na Colônia, uma na sede, já chamada de Virmond, outra na região chamada, posteriormente à colonização, de Amola Faca e outra na Colônia Queiroz, Linha Lagoa Bonita, a última, da qual temos também uma publicação:

Já se passou um ano em agosto do ano passado desde que foi fundada a nossa Sociedade Presidente da Polônia Inácio Moscicki.

Por falta de dinheiro e tempo, como todos sabem, o começo sempre é difícil – somente a partir do Ano-Novo de 1928 é que começamos a construção de uma sede para a nossa Sociedade.(...)

A área para a escola foi doada pelos senhores José Tomaszewski e Simão Chabowski, cada um dos quais doou meio alqueire de terra.

A escola se encontra a uma distância de 10 quilômetros da colônia Virmond e de Amola Faca. (...)

As aulas na nossa escola terão início somente no dia 1 de junho de 1928, isto é, após a conclusão do prédio escolar e a contratação de um

---

<sup>14</sup> ORZECHOVSKI, Julia Ludimila Krygier. Entrevista concedida em 2013.

<sup>15</sup> RADECKI, Jorge. Entrevista concedida em 20/07/2013.

<sup>16</sup> CAPRI, op. cit. p. 49.

professor, que terá uma subvenção do governo; o restante nós nos comprometemos a lhe pagar de acordo com o contrato.<sup>17</sup>

Com poucos anos desde a sua constituição, a Colônia Amola Faca, Virmond, encontra-se com a questão educacional em considerável progresso, porém em diferentes estágios:

#### DA VIDA DA COLÔNIA POLONESA NO BRASIL

Colônia Coronel Queiroz (nos arredores de Guarapuava), 24-6-1928.

A) A escola em Virmond desenvolve-se com sucesso sob a inteligente direção do senhor professor Henrique Krygier. Ela conta com 34 alunos e existe quase a certeza de que no ano escolar vai aumentar para 40 ou talvez 50 alunos.

(...)

D) A linha Amola Faca, em razão da discórdia e da falta de sentimento cívico, não foi capaz de manter a escola, e o professor, o Sr. Francisco Jaworski, mudou-se para Lagoa Bonita, deixando Amola Faca sem escola.

E) Lagoa Bonita, em compensação, serve de exemplo. Construiu um belo prédio escolar, o Sr. José Tomaszewski ofereceu gratuitamente para escola uma quarta de terra, e a atual diretoria se empenha para que a escola com o professor Sr. Francisco Jaworski cumpra a sua tarefa.

F) A Linha Cavernoso, embora tenha muitas crianças em idade escolar, não tem no entanto o sentimento de que essas crianças devem ter acesso ao ensino. Dizem que as crianças são “para a enxada”. (...)<sup>18</sup>

Estas sociedades foram a base das colônias, e contribuindo para seu desenvolvimento, para a fixação do colono, imigrante ou reimigrante, para a aculturação na nova pátria, mas especialmente na manutenção dos laços com a antiga pátria, fazendo com que o sentimento de pertença a ela se mantivesse vivo e se estendesse às novas gerações, o que também contribuía para a união dos colonos, fortalecendo sua identidade.

Os estudos não isentavam as crianças de suas responsabilidades em casa, já que todos tinham trabalhos a cumprir na propriedade da família. “Com nove anos, mais ou menos, começávamos a estudar, porque a escola era longe. Os pais ensinavam um pouco em casa, liam bíblia, livros de histórias, faziam contas. Quando voltava da aula, almoçava, descansava um pouco e ia ajudar os pais.”<sup>19</sup> Buscando ajudar na formação dos filhos, vários pais, quando tinham conhecimentos para tal, ensinavam as primeiras letras aos filhos, formando uma base que seria ampliada na escola. “Muitos moradores eram analfabetos, não sabiam ler e escrever, mas os que

<sup>17</sup> Jornal Gazeta Polska w Brazylii, Curitiba, 15 de fev de 1928, nº 7. p. 3.

<sup>18</sup> Jornal Gazeta Polska w Brazylii, Curitiba, 1 de ago de 1928, n. 31, p. 3.

<sup>19</sup> GELINSKI, Eslava. Entrevista concedida em 17/07/2013.

sabiam eram ávidos por leitura, uma família emprestava livros para outra, eram livros diversos, de histórias, romances, quase todos no idioma polonês. Na escola aprendiam todos juntos, ensinava-se a ler, escrever e fazer contas, nada de geografia, ciências e história. Tudo era em polonês.”<sup>20</sup> Quando o ensino tornou-se bilíngüe, quando as crianças chegavam a casa, muitas vezes os mais velhos ficavam bravos ao ouvi-las falando em português, pois não entendiam o idioma.<sup>21</sup>

Se a igreja foi a instituição que auxiliou a sobrevivência inicial do imigrante, a escola era a instituição que permitia o progresso do grupo, especialmente pelo fato de o governo brasileiro não conseguir oferecer escolaridade a toda população.<sup>22</sup>

Em 1937 foi construído o Colégio São José, dirigido pelas Irmãs da Caridade de São Vicente, que funcionava também em regime de pensionato para meninas e meninos. Funcionava em regime integral, e um turno era de ensino em português, e o outro, em polonês. “A instrução de crianças, sob o olhar da hierarquia católica, era mais uma forma de catequização, de reforçar os princípios católicos ensinados no lar e de propor uma normatização do grupo social a partir de seus parâmetros morais e religiosos”.<sup>23</sup>

Na escola aprendia a ler, escrever, fazer contas, além de religião, canto e teatro. Todos iam igualmente para a escola, meninos e meninas, e acabavam seguindo a mesma profissão dos pais, pois a maioria não tinha condições financeiras de deixar seus filhos irem estudar fora. Da mesma forma com a instituição do Colégio das Irmãs, que era registrado como orfanato e recebia ajuda, muitos ficavam só meio período, pois seus pais não tinham condições de pagar. Alguns vinham três ou quatro meses do ano, pensando mais na catequese, fora da época do plantio e da colheita, quando sua mão de obra era essencial. O pagamento às irmãs era feito muitas vezes com mantimentos.<sup>24</sup>

A escola tinha como função a formação de cidadãos úteis à sociedade, e a questão da preparação para o mercado de trabalho ou para o serviço doméstico era importante. Assim em seu currículo estava presente o ensinamento de trabalhos manuais (bordado, tricô, crochê) que daria às alunas condições para que no futuro pudessem ter alguma fonte de renda, complementando a renda familiar, mas principalmente soubessem administrar e promover o bom andamento doméstico, que, dentro dos princípios morais e cristãos, era o dever de uma “boa dona de casa”.

---

<sup>20</sup> LIMA. op. cit. 2013.

<sup>21</sup> ORZECHOVSKI. op. cit. 2013.

<sup>22</sup> CAPRI, op. cit. p. 111.

<sup>23</sup> IBIDEM, p. 02

<sup>24</sup> ORZECHOVSKI. op. cit. 2013.

Todos esses encaminhamentos faziam parte de uma proposta pedagógica conservadora, criada para atender as demandas da sociedade, dentro de valores culturais próprios daquela época.<sup>25</sup>

O decreto do Presidente Getúlio Vargas, dentro de sua política nacionalista, que estatizava integralmente as escolas particulares estrangeiras no Brasil e proibia o ensino da língua estrangeira no país nos anos de 1937 e 1938, acabou por desarticular esse sistema de ensino. O ensino acabou interrompido, principalmente porque em muitas colônias polonesas situadas em regiões mais interioranas as escolas não foram substituídas de imediato, levando em alguns casos dez ou vinte anos para serem reorganizadas nos moldes da política brasileira.<sup>26</sup>

Conforme Seyferth, apud Capri<sup>27</sup>, a campanha de nacionalização eliminou possibilidades reais de manutenção da identidade de grupos de imigrantes estabelecidos no Brasil, ao proibir nas instituições, como as escolas primárias, o idioma estrangeiro.

Em 1937, no período que precedeu imediatamente à nacionalização, havia no Brasil 349 escolas polonesas. No Estado do Paraná existiam 167 escolas, das quais 128 encontravam-se em pleno funcionamento, enquanto 31 estavam fechadas por falta de professor, não significando fechadas continuamente, mas temporariamente; ainda oito escolas estavam em fase de construção ou projetadas. Desse total, apenas dez davam aulas exclusivamente em português, outras quatorze ensinavam exclusivamente o polonês e todas as demais (143) atuavam como escolas bilíngues, sendo frequentadas por cerca de seis mil alunos. Ainda, das 167 escolas, 137 eram leigas e 30 religiosas. Em Guarapuava (município de pertencimento da Colônia Amola Faca, Virmond) havia dez escolas, sendo nove leigas e uma religiosa, todas bilíngues.<sup>28</sup> Como na Colônia Amola Faca, Virmond, o ensino era bilíngue, após o decreto as aulas não foram interrompidas, mas passaram a obedecer à lei e ensinar somente o idioma português.

Um misto de medo e receio chegou aos imigrantes, o que se pode entender tendo em vista que os imigrantes, não só poloneses, mas muitos outros vieram de

---

<sup>25</sup> CAPRI, op. cit. p. 164

<sup>26</sup> DEMBICZ, Andrzej.; KULA, Marcin. **Relações entre a Polônia e Brasil – Passado e Presente**. CESLA. WARSZAWA. 1996. Cap. Os Poloneses em sua História. Jan Kieniewicz. pp. 47- 48.

<sup>27</sup> SEYFERTH, apud CAPRI, op. cit. pp. 148-180.

<sup>28</sup> WACHOWICZ, Ruy Christovam. **As Escolas da Colonização Polonesa no Brasil**. Ed. Champagnat. 2002. pp. 66- 67.

países que passaram por guerras, desmandos de governos e grande sofrimento dos civis. Esse medo fez com que não ensinassem nem em casa os filhos a falar o idioma de sua terra natal. Outros lamentavam que por causa desse decreto não aprenderam falar mais um idioma.

Para os colonos, a família, a igreja e a escola eram as principais instituições agentes de socialização, a partir das quais a criança formava sua identidade com base nos preceitos da sociedade da época, reproduzindo valores simbólicos e afetivos das normas e das lógicas camponesas. A criança aprendia a viver em um mundo em consonância com a concepção dos adultos, uma vez que a autoridade, a experiência, a sabedoria e a força física conferiam-lhe um poder, cujo exercício era entendido ser um benefício para a própria criança.<sup>29</sup> A autoridade do padre e do professor se dava especialmente pela formação cultural, o que a eles agregava muito respeito por parte de todos, exercendo poder de líderes, atuando nos mais diversos setores. Ao professor era permitido inclusive castigar seus alunos fisicamente, além de moralmente, uma autoridade jamais discutida e com aval dos pais.

O processo de organização do sistema educacional na Colônia Amola Faca, Virmond se deu de forma muito semelhante às demais colônias de imigração polonesa do estado do Paraná. Inicialmente com aulas particulares, em casa, depois organizado a partir de sociedades-escola, que se disseminaram por todo Estado a partir do esforço dos próprios colonos imbuídos em buscar uma melhor condição para suas colônias, visto que não podiam contar com o apoio governamental. Com aulas inicialmente no idioma polonês aos poucos as escolas foram se tornando bilíngues, inserindo-se à nova nação, assimilando uma nova cultura, mas não sem resistência em manter seu idioma natal. As escolas foram uma das formas que o colono encontrou de manutenção da polonidade em que se constituíram os laços que estruturaram a identidade da Colônia, com traços característicos comuns também a outras colônias polonesas.

## **FONTES**

GELINSKI, Eslava. Entrevista concedida em 17/07/2013

---

<sup>29</sup> NEVES, Delma Pessanha, SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Processo de constituição e reprodução do campesinato do Brasil**: Formas de tuteladas de condição camponesa. Volume I. Ed UNESP, 2008. p. 124.

Jornal Gazeta Polska w Brazylii, Curitiba. Diversas Edições – Fonte: arquivo pessoal de Geraldo Zapahowski.

Jornal LUD, Curitiba – Diversas Edições – Fonte: arquivo pessoal de Geraldo Zapahowski.

LIMA, Alice Radecki. Entrevista concedida em 09/01/2015.

ORZECHOVSKI, Julia Ludimila Krygier. Entrevistas concedidas em 2013 e 2015

RADECKI, Jorge. Entrevista concedida em 20/07/2013.

## REFERÊNCIAS

CAPRI, Elizabeth Johansen. **De Católicos Poloneses a Ponta-Grossenses Católicos: A Escola Sagrada Família – 1933-1945.** Curitiba. 2003.

DEMBICZ, Andrzej.; KULA, Marcin. **Relações entre a Polônia e Brasil – Passado e Presente.** CESLA. WARSZAWA. 1996. Cap. Os Poloneses em sua História. Jan Kieniewicz.

GLUCHOWSKI, Kazimierz. **Os poloneses no Brasil: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil.** Tradução de Mariano Kawka. Edição histórica. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005.

NEVES, Delma Pessanha, SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Processo de constituição e reprodução do campesinato do Brasil: Formas de tuteladas de condição camponesa.** Volume I. ed UNESP, 2008.

VIECHNIESKI, Selma Antonia Pszdzimirski. **VIRMOND – UMA COLÔNIA POLONESA.** UEPG. Ponta Grossa. PR. 2013

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **As Escolas da Colonização Polonesa no Brasil.** Ed. Champagnat. 2002. 127p.

\_\_\_\_\_. **As Escolas da Colonização Polonesa no Brasil.** Anais da Comunidade Brasileiro Polonesa. Superintendência do Centenário da Imigração Polonesa ao Paraná. Curitiba. V II. 1970.